

O pecado sem culpa de Marilyn Monroe

Michel Euclides Bruschi*

“O homem foi presidente dos Estados Unidos. Sofria muita pressão. Tinha o direito. Além disso, estava transando com Marilyn Monroe. Acho que isso é sinal de um indivíduo que soube aproveitar uma boa oportunidade”.

(personagem Barry, do filme Os Irmãos McMullen, falando sobre John F. Kennedy)

Norma Jeane Baker não se tornou um mito, mas Marilyn Monroe sim. A primeira era de carne e osso, a segunda, produto da nossa imaginação. Uma se isolava do mundo tomando calmantes e se trancando no quarto. A outra fazia de tudo para aparecer diante das câmeras dos fotógrafos. A criação se tornou maior que a própria criadora e o resultado foi a morte da mulher real.

O sociólogo francês Jean Baudrillard define sedução como aquilo que desloca o sentido do discurso e o desvia da verdade. O público se apaixonou pela ilusão que aparecia na tela de cinema e não tinha conhecimento do que acontecia na vida cotidiana da atriz. Ser seduzido é ser desviado da verdade. A própria estrela de Hollywood fez de tudo para que a mentira não fosse descoberta.

Certa vez, o fotógrafo da revista americana Life pediu a Marilyn que ficasse saltitando à frente de sua câmera. Philippe Halsman alegava que não tinha conseguido captar o seu caráter pela lente. Assustada, a atriz perguntou se através do pulo o seu caráter seria revelado. Como a resposta foi afirmativa, preferiu não saltar. “Estava em pânico com a possibilidade de ser desvendada”, admitiu Monroe.



Baudrillard acrescenta que seduzir é morrer como realidade e produzir-se como engano. Norma (a realidade), então, teve que se transformar em Marilyn (o engano). Ao mesmo tempo em que morre como realidade e produz-se como engano, o sedutor é presa de seu próprio engano e move-se num mundo encantado. A nudez que sempre foi a revelação dos segredos das atrizes, era a fantasia de Monroe.

“Quando eu era pequena, acho que com seis anos, imaginava-me a andar nua pelo mundo para Deus e todo o mundo me verem. Meus impulsos para aparecer nua não continham vergonha ou qualquer sentido de pecado. Eu acho que queria que me vissem nua porque tinha vergonha das roupas que usava. Nua, eu era como as outras meninas e não como alguém num uniforme de órfã”.
(VOLTOLINI, 1991, p.82)

Além disso, Marilyn sabia muito bem como conquistar o seu espaço dentro da indústria cinematográfica e como vender a sua imagem. No início de carreira, chegou a dormir com produtores para conseguir papéis em filmes. “Seria uma mentirosa se dissesse que não”, confessou. Até as fotos nuas que fez antes de se tornar famosa para um poster-calendário utilizou para o seu marketing pessoal. Um pouco antes da estréia do filme *A Mulher Peca*, em 1952, a descoberta das fotos da atriz nua esquentou o clima na FOX. Os produtores pressionaram para que ela negasse a sua participação, temendo uma onda moralista. Mas ela acabou os convencendo do contrário. Acreditava que depois que soubessem do motivo de ter possado sem roupa, o público a amaria

muito mais. Utilizando-se da imprensa, Monroe admitiu que tirou as fotos em 1949 por estar desempregada, não ter nenhum parente a quem recorrer e precisar do dinheiro para pagar o aluguel atrasado. As pessoas, comovidas, lotaram os cinemas e a atriz se tornou mais uma heroína bem ao gosto americano, daquele tipo que vence sozinha todas as dificuldades.

A morte da atriz, no entanto, revelou a verdade escondida pela fábrica de sonhos. A estrela que mais brilhava nas telas de cinema não conseguia suportar a vida sem a ajuda de remédios. Edgar Morin afirma que o suicídio de Marilyn é o último suspiro do star system. “É a desmitificação natural, a brecha por onde se precipita a verdade; não existe mais estrela-modelo, não existe mais Olimpo feliz”.

No entanto, o corpo nu encontrado em cima da cama no dia 5 de agosto de 1962, com um vidro vazio do sonífero Nembutal no criado-mudo, é o de Norma Jeane e não o de Marilyn Monroe. Quem morreu foi Norma, Marilyn continua viva. Cada vez que se vê um longa-metragem estrelado por ela, somos iludidos mais uma vez. A sua imagem está eternizada nos negativos dos filmes.

A pergunta que fica é porquê entre tantas atrizes que seduziram os homens no cinema, Monroe foi a que se tornou o maior mito e símbolo sexual da sétima arte. Ainda neste ano de 1999, a revista americana Time a colocou entre os heróis e ícones do século. Nenhum outro astro ou estrela de Hollywood conseguiu ter o seu nome entre os vinte escolhidos.

Mircea Eliade define mito como a expressão de um modo de ser no mundo num momento histórico. O mito precisa estar em conciliação com as mudanças de comportamentos do homem moderno. Este, por sua vez, vive um tempo qualitativamente diferente do que está vivendo. O mito consiste precisamente em criar modelos exemplares para toda uma sociedade.

O estudo feito sobre Marilyn, por Richard Dyer, em seu livro Stars, comprova que o significado da estrela estava de acordo com o pensamento da sociedade americana sobre sexo na época. Na década de 1950, os Estados Unidos descobriram a se-

xualidade como a chave para o eu e o lançamento da revista Playboy mostra o interesse do público pelo assunto.

O discurso da revista era de que a sexualidade deveria ser vista como algo natural, sem culpa e sem conotação pecaminosa. A história de Monroe está intimamente ligada com a da Playboy, pois foi ela quem apareceu no primeiro nu dessa publicação nas duas páginas centrais. A atriz sempre afirmou que não tinha nenhuma vergonha de ter posado nua e via o fato com extrema naturalidade.

“A sexualidade era assim dissociada da imagem pecadora e sedutora das heroínas de filmes noir, tais como Barbara Stanwyck ou Joan Crawford, e em seu lugar vinha uma mulher sensual, sexualmente desejável mas inofensiva: Marilyn Monroe. Mesmo a aparente burrice da “loira burra” era um signo do natural; se ela permanecesse “intocada pela racionalidade do mundo”, também não seria tocada pela corrupção deste. Em Monroe estabeleceu-se um vínculo entre sexualidade e inocência e este vínculo – talvez mais do que qualquer outro – explica seu poder extraordinário como imagem popular”. (TURNER, 1997, p.110)

Monroe expressou a nova maneira que a sexualidade estava sendo vista pelo mundo naquele momento histórico e por isso se tornou um mito. Nenhuma outra atriz conseguiu passar tanto sex appeal, no seu jeito de posar para fotos (com a boca sempre aberta) e na maneira de caminhar (gingando e dançando), e ao mesmo tempo ser natural e demonstrar não ter nenhuma vergonha dos seus impulsos sexuais. Marilyn nos ensinou a pecar sem nos sentirmos culpados. Obrigado, Norma Jeane Baker

-
- BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. 2.ed. Campinas: Papirus, 1992.
DYER, Richard. *Stars*. Londres: British Film Institute.
ELIADE, Mircea. *Mitos, sonhos e mistérios*. Lisboa: Edições 70, 1957.
TURNER, Graeme. *Cinema como prática social*. São Paulo: Summus, 1997.
MORIN, Edgar. *As estrelas: mito e sedução no cinema*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1989.
VOLTOLINI, Ricardo. *Marilyn Monroe por ela mesma*. São Paulo: Martin Claret, 1991.

*Jornalista, com especialização em Produção Cinematográfica pela PUCRS e mestrando em Psicologia Social e da Personalidade pela PUCRS.